

NOVE PASSOS NA HISTÓRIA

A Emília-Romanha dá-se a conhecer



Imagens e palavras da Emília-Romanha, 1

Regione Emilia-Romagna

Servizio Comunicazione, Educazione alla Sostenibilità

Responsabile Paolo Tamburini

Agenzia Informazione e ufficio Stampa della Giunta

Direttore Roberto Franchini

www.regione.emilia-romagna.it

Istituto per i Beni Artistici Culturali e Naturali

Presidente Ezio Raimondi

Direttore Alessandro Zucchini

www.ibc.regione.emilia-romagna.it

Consulta degli Emiliano-Romagnoli nel mondo

Presidente Silvia Bartolini

www.emilianoromagnolinelmondo.it

Coordinamento editoriale

Tiziana Gardini

Piera Raimondi

Agenzia Informazione e ufficio Stampa della Giunta

Illustrazioni

Sergio Tisselli

Impaginazione

Monica Chili

Traduzioni

Logos Group, Modena

Progetto e coordinamento del gruppo

Valeria Cicala

Vittorio Ferorelli

Istituto per i Beni Artistici Culturali e Naturali

Gina Pietrantonio

Servizio Comunicazione; Educazione alla Sostenibilità

Gruppo di lavoro

Paolo Degli Esposti

Silvia Mazzoli

Simonetta Trevisi

Servizio Comunicazione; Educazione alla Sostenibilità

Sante Zavattini

Servizio Affari Generali, Giuridici e Programmazione Finanziaria

Claudio Bacilieri

Katia Guizzardi

Rita Tagliati

Servizio Politiche europee e relazioni internazionali

Andrea Facchini

Servizio Politiche per l'accoglienza e l'integrazione sociale

Elena Rossi

Servizio Programmazione, valutazione e interventi regionali

Stefania Sani

Servizio Turismo e Qualità Aree Turistiche

Cinzia Leoni

Barbara Musiani

Agenzia Informazione e ufficio Stampa della Giunta

Morena Grandi

Catia Luccarini

Cristina Turchi

Servizio Cultura, Sport e Progetto Giovani

Laura Grossi

Servizio Lavoro

NOVE PASSOS NA HISTÓRIA

A Emília-Romanha dá-se a conhecer



Nove passos na história nasce da colaboração entre várias direcções regionais com o objectivo de dar a conhecer a Emília-Romanha tecendo a história com palavras simples, pinceladas com a arte de Sergio Tisselli.

Para quem folheia este fascículo a mensagem é que esta terra acolheu, desde sempre, gentes e experiências distintas, que contribuíram para desenhar a fisionomia de um território em que o mar, assim como o rio, a estrada e as passagens dos Apeninos foram vias de ligação, de intercâmbio económico, de crescimento cultural.

Perceber a identidade da Emília-Romanha é um modo de a propor aos outros, de cultivar uma relação sobretudo com quem aqui não vive, mas tem nesta terra as suas raízes, com aqueles que aqui se estabelecem e que aqui procuram uma nova oportunidade.

A Regione, enquanto tal, prepara-se para uma data importante para a sua vida: quarenta anos após o nascimento efectivo da instituição regional, uma idade que leva a reflectir sobre tudo o que elaborou, o crescimento que quis garantir aos seus habitantes, os projectos e as estratégias para o futuro.

Esta publicação pretende, com a síntese necessária, reflectir sobre o património em que assenta a nossa importante realidade e a responsabilidade com que a devemos administrar.

Vasco Errani

Presidente da Região da Emília-Romanha

Há uma bela palavra inglesa, *serendipity*, que indica a possibilidade de, casualmente, fazer agradáveis e inesperadas descobertas, encontrar algo por mero acaso. Também acontece, nos contactos do Conselho dos Emiliano-Romanholos no Mundo com as associações e comunidades conterrâneas no estrangeiro, aparecerem histórias e situações que abrem subitamente novos mundos: vestígios inexplorados da presença de Emiliano-Romanholos do outro lado do Oceano, nos antípodas, em territórios longínquos, para onde foram conduzidos pela urgência de sobreviver ou pelo desejo de aventura. Existe um fenómeno difuso, sobretudo entre os jovens, que tem a ver com a descoberta acidental, ainda que ela, neste caso, seja procurada. Trata-se do costume, iniciado nos Estados Unidos e também implementado no nosso país, de deixar livros num ambiente natural ou urbano para que possam ser encontrados e, assim, lidos por outras pessoas. Uma espécie de *bookcrossing*, ou “passa-livro”, é também a motivação narrativa de *Nove passos na história*, a publicação que o Conselho oferece às comunidades de Emiliano-Romanholos no estrangeiro para as envolver na história e cultura do território da região.

Uma rapariga chega às torres da *Regione* para um encontro e, sobre um muro, vê um livro, esquecido ou propositadamente deixado por alguém; começa a folheá-lo e entra numa história: a história de um canto do mundo, a Emília-Romanha. As imagens que se desvendam, do autor de banda desenhada e aquarelista Sergio Tisselli, permitirão aos nossos amigos longínquos mergulhar nas peripécias milenares da nossa região e senti-las um pouco suas. São, de alguma maneira, acontecimentos de família, que pertencem a toda a nossa comunidade, em Itália e no estrangeiro.

A ideia desta prenda, que vos oferecemos por ocasião dos quarenta anos de vida da *Regione* da Emília-Romanha, nasceu da colaboração entre o Conselho, a Agência de Informação e Serviço de Imprensa da Junta, o Departamento de Relações com o Público da Região e o Instituto de Bens Culturais, que trabalharam juntos para a renovação do site *Emilianoromagnolinelmondo.it* onde, na secção “História e cultura na Emília-Romanha”, já poderão encontrar os materiais que recolhemos e enriquecemos com imagens poéticas para esta publicação.

Silvia Bartolini

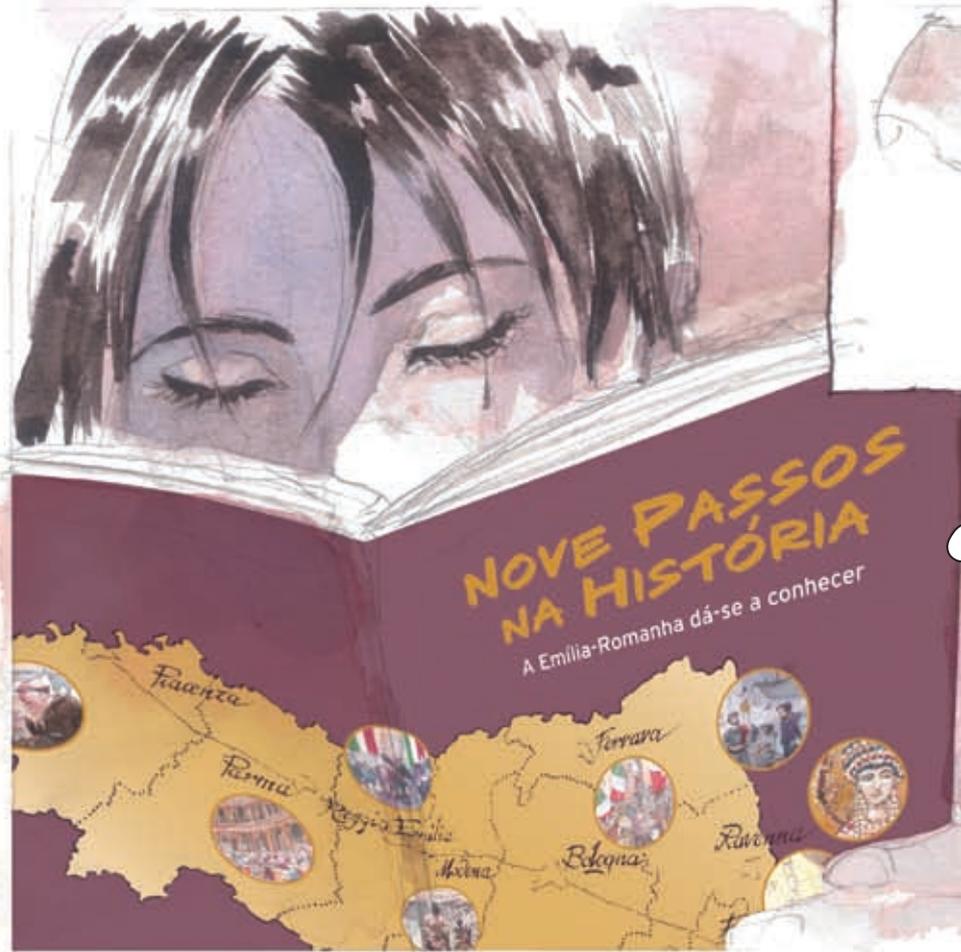
Presidente do Conselho
dos Emiliano-Romanholos no Mundo



EIS AS TORRES
DA REGIONE:
JÁ CHEGUEI!
E VIM ANTES DO TEMPO...



E ESTE LIVRO?
O QUE É?



**NOVE PASSOS
NA HISTÓRIA**
A Emilia-Romanha dá-se a conhecer



O ADRIÁTICO,
O MAR QUE...

ENTRE O SÉCULO XVII E XVI ANTES DE CRISTO, NA IDADE DO BRONZE, DIFUNDIU-SE NESTA TERRA UMA CIVILIZAÇÃO QUE FOI BUSCAR O NOME ÀS "TERRAMARE", AS ALDEIAS CONSTRUÍDAS SOBRE ESTACAS: ESTA CULTURA PRIMITIVA, QUE ABRANGIA MUITAS ÁREAS DA EMÍLIA-ROMANHA E TAMBÉM CHEGAVA ÀS PRIMEIRAS ZONAS DOS APENINOS, DEIXOU RICOS TESTEMUNHOS NOS TERRITÓRIOS DE MODENA E PARMA.





NOVE PASSOS NA HISTÓRIA

A Emília-Romanha dá-se a conhecer

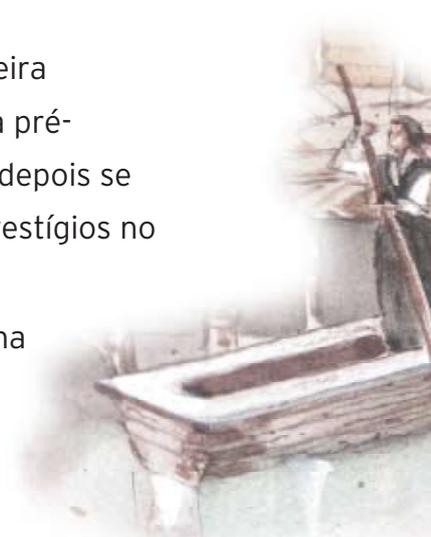
O Adriático, o mar que a Este marca a fronteira da Emília-Romanha, já era frequentado na pré-história. Foi o porto de chegada de gentes que depois se estabeleceram na península italiana deixando vestígios no território e nos relatos dos autores antigos.

Entre o século XVII e XVI antes de Cristo, na idade do Bronze, difundiu-se nesta terra uma civilização que foi buscar o nome às “*terramare*”, as aldeias construídas sobre estacas: esta cultura primitiva, que abrangia muitas áreas da Emília-Romanha e também chegava às primeiras zonas dos Apeninos, deixou ricos testemunhos nos territórios de Modena e Parma.

O mar Adriático também é evocado nos mitos gregos, como o de Hércules, e nos relatos dos heróis homéricos.

A partir do século VII antes de Cristo a navegação grega tornou-se intensa: em boa parte dirigia-se para o delta do Pó, sobretudo em Spina, como testemunham as esplêndidas cerâmicas hoje expostas no Museu Arqueológico de Ferrara. Durante toda a antiguidade, esta escala manteve a sua função de mercado fluvial para a Padania e os Alpes, logo, para a Europa.

“*Protovilanoviano*” e “*Vilanoviano*” são os termos hoje usados para definir as culturas que também nesta região, entre o século VIII e VI antes de Cristo, marcaram o encontro com





a civilização etrusca. Os Etruscos, provenientes do vale do Reno, através das cidades de Marzabotto e de Bolonha (que se chamava *Felsina*), também se encontravam no delta do Pó. Do lado de cá dos Apeninos, os principados e as diversas cidades etruscas exerceram um domínio mercantil sobretudo na parte oriental da região, por exemplo, através do vale do Marecchia onde, num florescente centro Protovilanoviano, surgiu a povoação de Verucchio. Na parte ocidental, o domínio etrusco assumiu-se como um verdadeiro monopólio político, tanto em *Felsina*, ao longo da via para Spina, como no território de Modena, Parma, Piacenza, e também para lá do Pó. Daí resultou uma verdadeira produção artística e uma refinada cultura urbanística, como na cidade fundada em Marzabotto, no vale do Reno. No Apenino ocidental, a cultura etrusca encontrou e fundiu-se com a das populações lígures ali estabelecidas, que viveram depois a invasão céltica e a posterior chegada dos Romanos.



Na Emília-Romanha os Celtas estabeleceram-se em aldeias que, frequentemente, dominavam os vales apeninos: como em Monte Bibele, no vale bolonhês do Idice. Voltando ao mar, a costa adriática continuou sempre a caracterizar-se por uma navegação costeira: os principais desembarcadouros foram Rimini e Ravena; de *Ariminum* (isto é, Rimini, a primeira colónia

A PARTIR DO SÉCULO VII
ANTES DE CRISTO A NAVEGAÇÃO
GREGA TORNOU-SE INTENSA: EM BOA PARTE
DIRIGIA-SE PARA O DELTA DO PÓ, SOBRETUDO EM
SPINA, COMO TESTEMUNHAM AS ESPLÊNDIDAS CERÂMICAS
HOJE EXPOSTAS NO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE FERRARA.
DURANTE TODA A ANTIGUIDADE ESTA ESCALA
MANTEVE A SUA FUNÇÃO DE MERCADO FLUVIAL
PARA A PADANIA E OS ALPES, LOGO,
PARA A EUROPA.





NOVE PASSOS NA HISTÓRIA

A Emília-Romanha dá-se a conhecer

criada por Roma na zona do Pó, em 268 antes de Cristo) mercadorias e homens, através dos desfiladeiros apeninos, desciam até ao vale do Tevere. Na era romana, o vale do Pó dava pelo nome de Gália Cisalpina: ou seja, a terra dos Gauleses cercada pelo arco alpino. No seu interior o curso do rio Pó (do latim *Padus*) identificava duas regiões: a *Transpadana* e a *Cispadana* (que corresponde à Emília-

Romanha actual). A fundação de Rimini preparou

a penetração romana: em 218 foi fundada a colónia de *Placentia* (actual Piacenza). A

segunda guerra púnica e a passagem de Aníbal travaram durante diversos anos a expansão romana na região. Entre 189 e 183 antes de Cristo a colonização foi retomada com a fundação de *Bononia* (Bolonha), *Mutina* (Modena) e *Parma*.

Para ligar as colónias romanas deu-se início à criação de um único eixo rodoviário, obra do cônsul Emilio Lepido. A Via Emília, que começa em Rimini e acaba em Piacenza, tornou-se o elemento portador

de uma transformação total, tanto na paisagem como na economia do território: recuperaram-se as terras pantanosas, dividiram-se as terras cultiváveis, criaram-se fornos para a construção das cidades.

A partir do século I antes de Cristo, e com o imperador Augusto, Ravena, graças ao seu particular território lagunar, foi a base da frota romana do Oriente (a *classis*, de

que deriva o nome de Classe, a localidade que foi o porto da cidade). Aqui afluíram, por conseguinte, marinheiros recrutados inclusivamente em terras muito longínquas. Inúmeras estradas continuaram para norte o traçado da Via Emília. Fundamental, pelas suas oportunidades de comunicação, foi também o percurso interno à lagoa: através dos lagos palustres costeiros, este itinerário unia Ravena a Altino e a Aquileia (nas actuais Veneto e Friuli Venezia Giulia). A romanização levou a uma transplantação sistemática de populações: resta um vestígio evidente deste processo nas expressões de religiosidade e nos desenvolvimentos da alfabetização. Durante a era imperial romana, o Adriático registou o afluxo de numerosos cultos provenientes de países do Próximo Oriente, de que restam vestígios em objectos, inscrições e monumentos: um grande santuário dedicado a divindades orientais estava situado em

Sarsina, no coração dos Apeninos acima de Cesena.

No século V e VI depois de Cristo, Ravena foi o principal centro político da Península: já em 402 o imperador Honório aí tinha estabelecido a capital do Império



PARA LIGAR AS COLÓNIAS ROMANAS
DEU-SE INÍCIO À CRIAÇÃO DE UM ÚNICO EIXO
RODOVIÁRIO, OBRA DO CÔNSUL EMILIO LEPIDO.
A VIA EMÍLIA, QUE COMEÇA EM RIMINI E ACABA EM PIACENZA,
TORNOU-SE O ELEMENTO PORTADOR DE UMA TRANSFORMAÇÃO
TOTAL, NA PAISAGEM COMO NA ECONOMIA DO TERRITÓRIO:
RECUPERARAM-SE AS TERRAS PANTANOSAS, DIVIDIRAM-SE
AS TERRAS CULTIVÁVEIS, CRIARAM-SE FORNOS
PARA A CONSTRUÇÃO DAS CIDADES.





NOVE PASSOS NA HISTÓRIA

A Emília-Romanha dá-se a conhecer



romano. Após o confuso período das invasões bárbaras, em 493 a Itália passou a estar sob o domínio dos Ostrogodos, cujo rei Teodorico se estabeleceu em Ravena. Em 527, com a vinda do imperador bizantino Justiniano, Ravena tornou-se a sede do governador de Itália (o Exarca) e viveu um período de grande esplendor, testemunhado pelas basílicas de San Vitale e Sant'Apollinare em Classe. Durante o século VI, a unidade política da nossa região foi interrompida pela invasão dos Longobardos, que ocuparam vários territórios, mas não conseguiram derrotar definitivamente os Bizantinos. Os Longobardos ocuparam a Emília até Bolonha e Imola, e concentraram-se em Reggio; aos Bizantinos restou a zona adriática, que adoptou o nome de Romanha porque pertencia aos Romanos de Bisanzio.

Para combater os Longobardos, o Papa pediu ajuda aos Francos, que vieram para Itália e os derrotaram em 773. Os territórios da nossa região passaram a fazer parte do

Sacro Império Romano, constituído com a coroação do rei franco Carlos Magno no ano 800.

Durante os primeiros séculos da Idade Média, nos conventos e nas grandes abadias, os amanuenses copiaram os textos da tradição clássica, como aconteceu durante um longo período em Bobbio, no Apenino placentino. O trabalho



NOVE PASSOS NA HISTÓRIA

A Emília-Romanha dá-se a conhecer

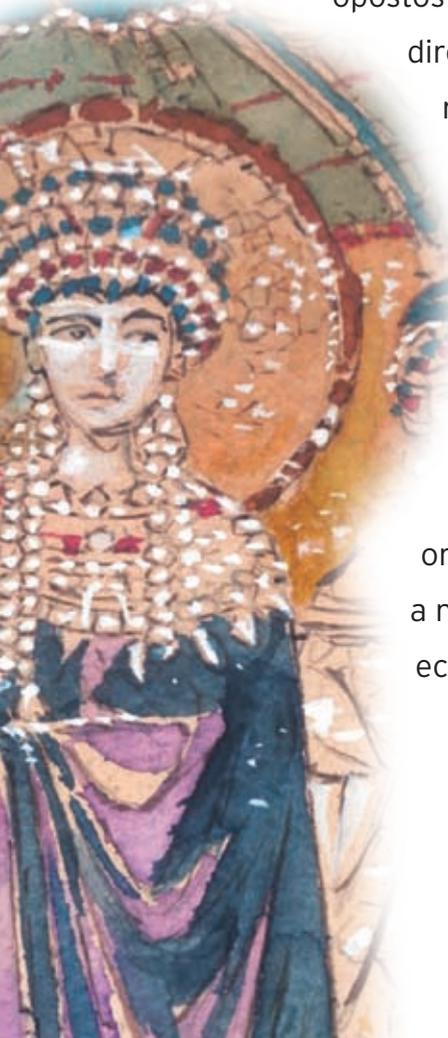


daquelas mãos contribuiu para o nascimento das grandes bibliotecas: entre as primeiras conta-se a Malatestiana de Cesena.

A posterior evolução do império levou à subdivisão administrativa do território em feudos. Com o passar do tempo, a soberania dos feudos foi atribuída aos bispos, que começaram, assim, a constituir pequenos domínios locais.

Neste período, constituíram-se na região dois pólos de notável influência: na Emília ocidental afirmou-se o domínio da casa de Canossa (da qual foi protagonista a condessa Matilde); o território romanholo, por seu lado, organizou-se em torno da soberania do Arcebispo de Ravena. Império e Igreja viram-se em campos opostos na “luta pelas investiduras”, isto é, pelo

direito de nomear os bispos. Foi precisamente no castelo de Canossa, na colina reggiana, que se deu a humilhação do imperador Henrique IV perante o papa Gregório VII (1077). Neste contexto, as classes mais ricas das cidades (proprietários de terras e mercadores) manifestaram a sua intolerância face aos poderes feudais e promoveram um novo tipo de ordenamento político que visava administrar, a nível local, as leis, a justiça, os impostos, a economia: a Comuna. Entre os séculos XI e XII,







EM 527, COM A VINDA DO IMPERADOR BIZANTINO JUSTINIANO, RAVENA TORNOU-SE A SEDE DO GOVERNADOR DE ITÁLIA (O EXARCA) E VIVEU UM PERÍODO DE GRANDE ESPLendor, TESTEMUNHADO PELAS BASÍLICAS DE SAN VITALE E SANT'APOLLINARE EM CLASSE.

NOVE PASSOS NA HISTÓRIA

A Emília-Romanha dá-se a conhecer



nos centros Emiliano-Romanholos, como em toda a Itália setentrional, formaram-se novos governos, conduzidos por cônsules eleitos por um conselho de cidadãos, que progressivamente alargaram a própria influência política e económica aos territórios circundantes. Com a imposição do modelo comunal, as cidades tornaram-se centros de um renascimento económico e cultural.

Inicialmente, aliando-se entre si, as Comunas garantiram a própria independência contra os ataques das tropas imperiais. Uma vez derrotada a comuna inimiga, porém, surgiram rivalidades entre as cidades vizinhas e oposições internas entre as facções de cidadãos: as partes em luta proclamaram-se a favor do Papado (os Guelfos) ou a favor do Imperador (os Gibelinos). As contínuas lutas viscerais enfraqueceram as magistraturas comunais e prepararam o terreno para a instauração de governos pessoais, na mão de famílias nobres. Em todas as cidades Emiliano-Romanholas consolidaram-se, assim, as senhorias: Piacenza, Parma, Mirandola, Carpi, Correggio, Scandiano, Imola, Faenza, Forlì, Ravenna, Rimini. Ferrara, em particular, tornou-se, desde 1242, o centro da senhoria dos Estenses, que depois abrangeu também Modena e Reggio. Em Bolonha o regime comunal durou mais tempo, tendo-se afirmado apenas por breves períodos a senhoria dos Pepoli e depois dos Bentivoglio. Após uma série de guerras entre as potências regionais limítrofes (Milão, Veneza, Florença, Santa Sé), no início do século XVI, Bolonha e a Romanha passaram a fazer parte do Estado Pontifício.

Não obstante as guerras e a instabilidade política, durante a era das Comunas e das Senhorias desenvolveram-se com maior fervor e variedade a vida cultural e económica, a indústria, a agricultura, os negócios, a arte, a poesia: a cidade de Ravena conserva ainda hoje os restos mortais do poeta Dante Alighieri. É o tempo em que nasce e se afirma a Universidade de Bolonha, a mais antiga do mundo. São construídas as catedrais, os palácios comunais, castelos e fortalezas, e os muros das cidades alargam-se progressivamente para acolher um crescente número de habitantes.

O século XVI teve início com a consolidação do domínio pontifício na parte oriental da região. O Papa Júlio II, com uma série de ofensivas militares, conquistou primeiro as cidades da Romanha e depois, em 1506, Bolonha. No fim do século, em 1597, morreu o duque Afonso d'Este, sem deixar herdeiros directos: o Estado Pontifício ocupou Ferrara e o seu território, enquanto aos Estenses restou a posse de Modena e Reggio. Estabilizava-se, assim, na Emília-Romanha uma orientação política destinada a durar, apenas com um parêntesis napoleónico, até à Unidade de Itália; o território regional foi subdividido em três Estados: o ducado de Parma e Piacenza (criado em 1545 pelo papa Paulo III para a sua família: os Farnese), o ducado de Modena, e as propriedades do Estado Pontifício (Bolonha, Ferrara e a Romanha).

Entre as grandes personagens da cultura que deixaram





Amelia

DURANTE OS PRIMEIROS SÉCULOS DA IDADE MÉDIA, NOS CONVENTOS E NAS GRANDES ABADIAS, OS AMANUENSES COPIARAM OS TEXTOS DA TRADIÇÃO CLÁSSICA, COMO ACONTECEU DURANTE UM LONGO PERÍODO EM BOBBIO, NO APENINO PLACENTINO. O TRABALHO DAQUELAS MÃOS CONTRIBUIU PARA O NASCIMENTO DAS GRANDES BIBLIOTECAS: ENTRE AS PRIMEIRAS CONTA-SE A MALATESTIANA DE CESENA.



NOVE PASSOS NA HISTÓRIA

A Emília-Romanha dá-se a conhecer



a sua marca na Romanha durante o Renascimento, foi significativa a presença de Leonardo da Vinci que, em 1502, desenhou o projecto do porto/canal de Cesenatico.

Não obstante a estabilidade política, os séculos XVI, XVII e XVIII foram marcados pela paz apenas por curtos períodos. Por diversas vezes, a região foi atravessada pelos exércitos estrangeiros, com o seu rasto de epidemias e carências: a invasão dos Lanzichenechi, a guerra dos Trinta Anos, as guerras de sucessão na primeira metade do século XVIII. Nas províncias do Estado Pontifício foi-se reforçando a estrutura administrativa central: cresceu, conseqüentemente, o poder dos representantes do Papa, os cardeais “legados”, de que deriva o nome de “Legações” para os territórios de Bolonha, Ferrara e Ravena. Os pequenos ducados de Parma e Modena, por seu turno, utilizaram a diplomacia para sobreviverem entre as maiores potências.

Ao longo do século XVII assiste-se à reestruturação dos edifícios e ao embelezamento das novas capitais ducais: em 1617, em Parma, Ranuccio I Farnese confia a Giovan Battista Aleotti a construção do teatro lígneo no Palazzo della Pilotta, palco ideal das fantasiosas cenografias barrocas;



em 1634, em Modena, Francesco I d'Este manda edificar o Palazzo Ducale, destinado a albergar a sua maravilhosa colecção de obras de arte.

Na segunda metade do século XVIII, também na nossa região se difundiram as ideias do Iluminismo, bem como as tentativas de enfrentar com uma abordagem laica e racional os problemas sociais, políticos e económicos. O ducado de Parma que, em 1732, passou para a dinastia francesa dos Bourbon, pareceu particularmente sensível aos influxos culturais europeus que, em termos políticos, se traduziram na luta contra os abusos e privilégios eclesiásticos e, em termos económicos, na modernização da indústria da seda, do papel e da imprensa (em Parma foi extremamente activo o grande tipógrafo Giambattista Bodoni). Em Modena muitos intelectuais e, entre todos, Ludovico Antonio Muratori, participaram directamente na actuação de reformas no campo da justiça e dos impostos. Quando começou a ofensiva de Napoleão em Itália, os princípios de igualdade transmitidos pela Revolução francesa eram já muito difusos na nossa região, mesmo entre as classes populares que se inspiravam nas posições mais radicais dos Jacobinos. No seguimento da ocupação militar napoleónica de 1796, em Bolonha, Ferrara, Modena e Reggio formaram-se governos provisórios, que deram início a profundas reformas contra os privilégios feudais e nobiliários.

Da união destas quatro cidades nasceu a República

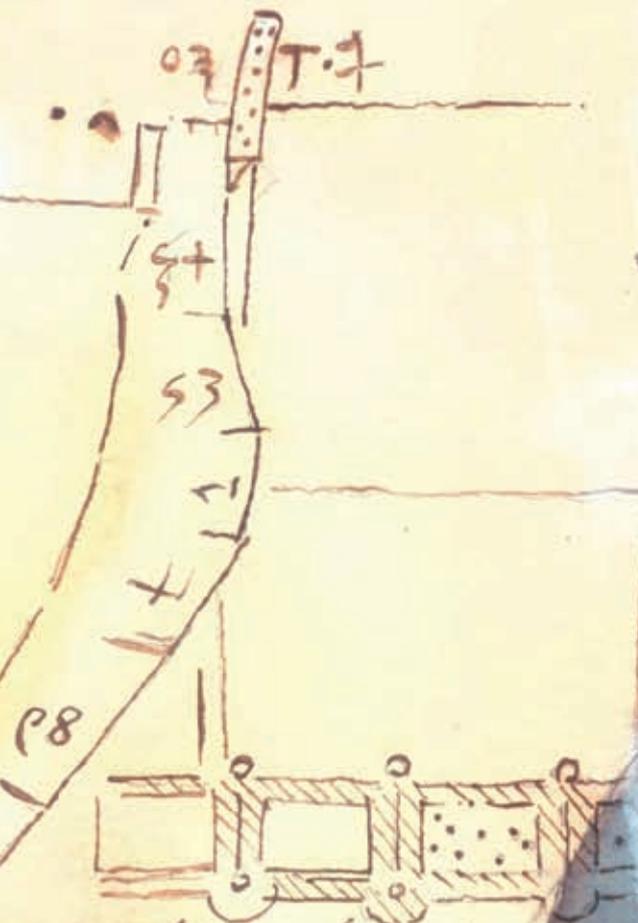


ENTRE AS GRANDES
PERSONAGENS DA CULTURA QUE
DEIXARAM A SUA MARCA NA ROMANHA
DURANTE O RENASCIMENTO, FOI SIGNIFICATIVA
A PRESENÇA DE LEONARDO DA VINCI QUE,
EM 1502, DESENHOU O PROJECTO DO
PORTO/CANAL DE CESENATICO.



Handwritten text at the top left, possibly a title or header, written in a cursive script.

Handwritten text in the upper right quadrant, partially obscured by a dark shape.



Handwritten text at the bottom left, appearing to be a list or a set of instructions, written in a cursive script.

NOVE PASSOS NA HISTÓRIA

A Emília-Romanha dá-se a conhecer



Cispadana que, no congresso de Reggio de 7 de Janeiro de 1797, proclamou como seu próprio símbolo o tricolor verde, branco e vermelho: a futura bandeira italiana.

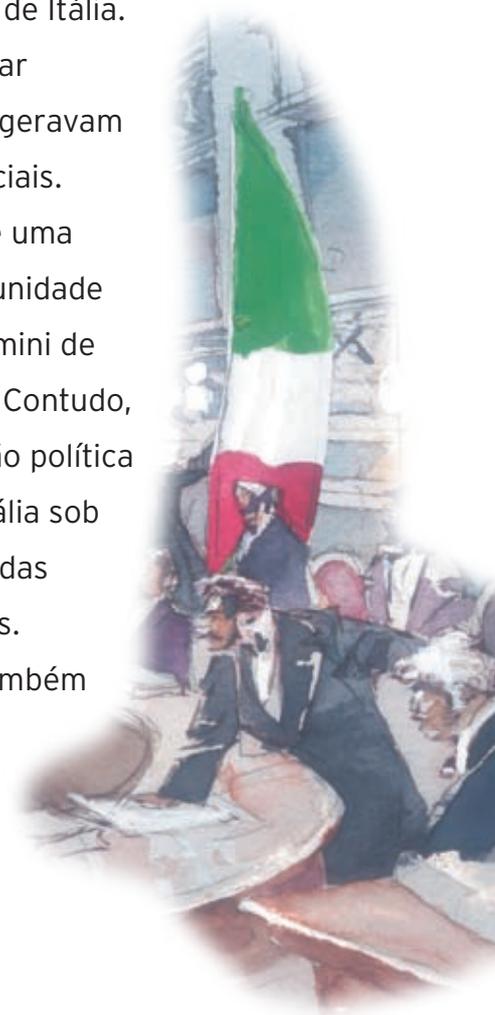
Poucos meses depois, por vontade de Napoleão, a República Cispadana passou a fazer parte da nova República Cisalpina, que se estendia por todo o Norte do País e que posteriormente se chamaria República Italiana. Em 1805 a República tornou-se Reino de Itália, cujo rei era Napoleão Bonaparte. Parma e Piacenza foram, por seu turno, directamente anexadas à França.

Após os primeiros entusiasmos pela onda revolucionária, nasceu nas populações italianas uma forte hostilidade em relação aos franceses que, de facto, detinham o controlo sobre a República e, depois, sobre o Reino de Itália.

O peso dos impostos, o recrutamento militar obrigatório e o contínuo estado de guerra geravam descontentamento em todas as classes sociais.

Começou, assim, a ganhar corpo a ideia de uma sublevação popular pela independência e unidade de Itália, como se lê na proclamação de Rimini de Gioacchino Murat (a 30 de Março de 1815). Contudo, o Congresso de Viena retomou a orientação política anterior ao período napoleónico e pôs a Itália sob o controlo austríaco, adiando para as décadas seguintes o êxito das aspirações patrióticas.

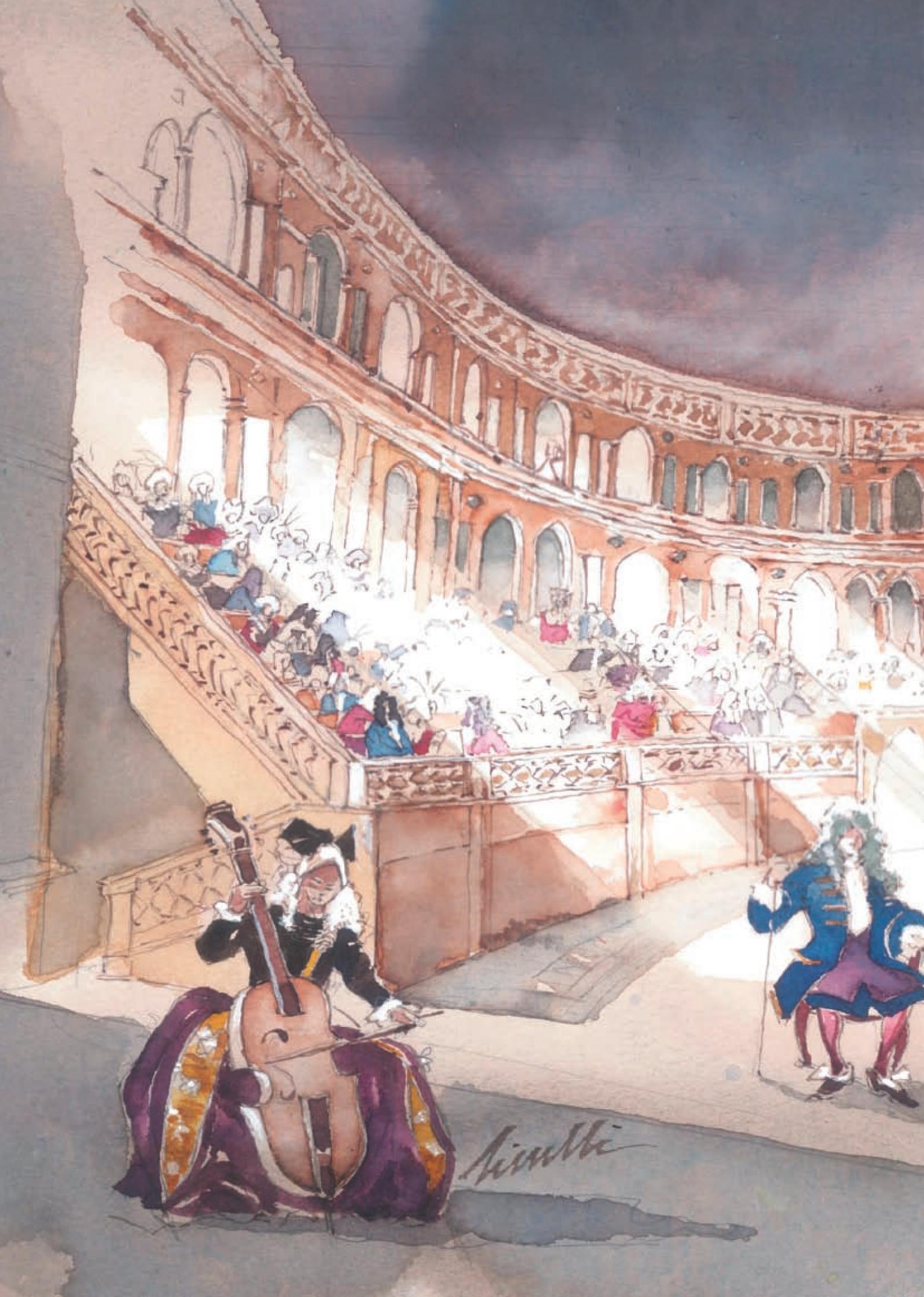
Entre 1814 e 1815, o Congresso de Viena também restaurou a antiga ordem no território Emiliano, restituindo as Legações

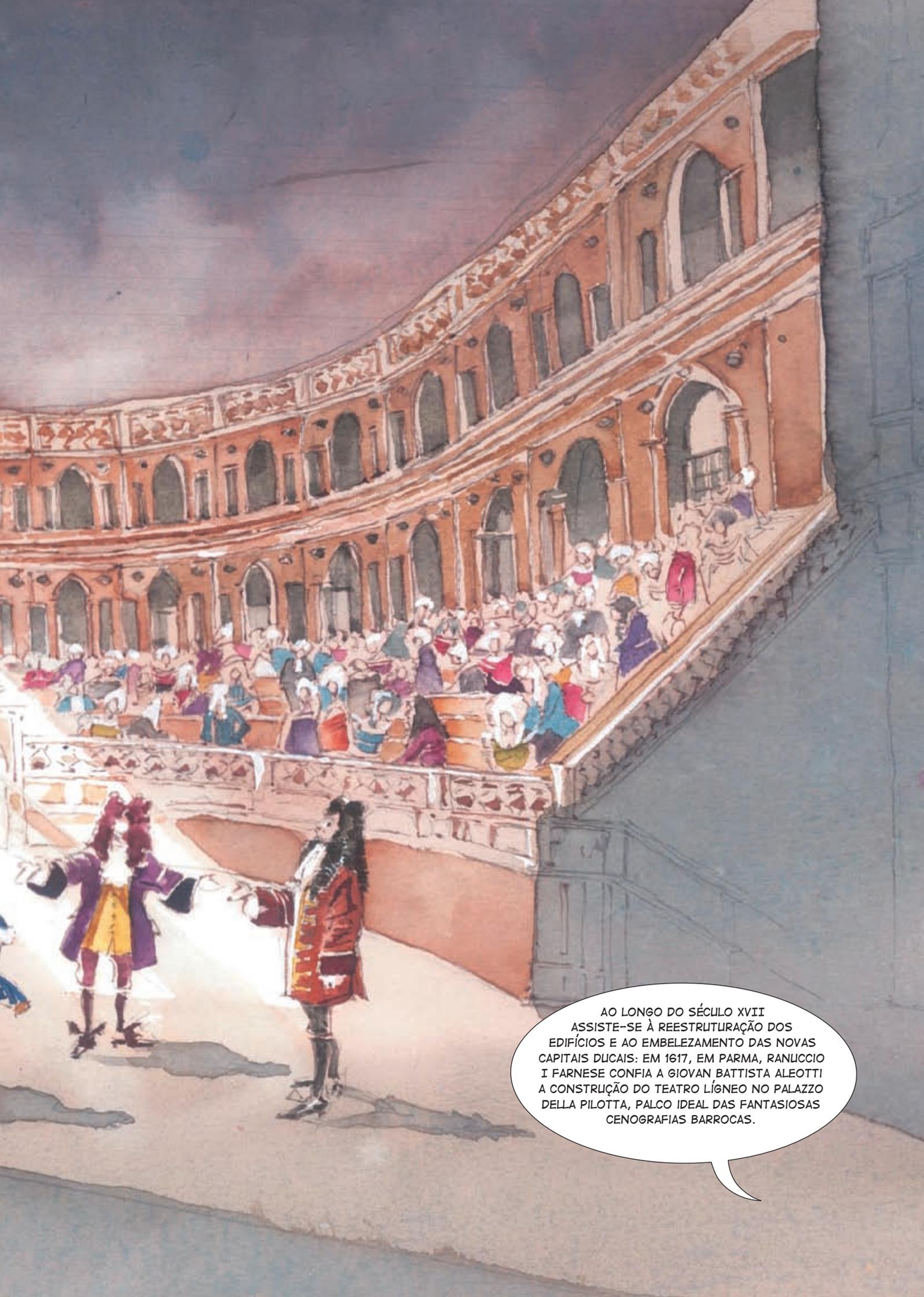


(Bolonha, Ferrara, Forlì e Ravena) ao Estado Pontifício, Modena aos Estenses, e Parma à ex-imperatriz Maria Luísa de Áustria. Porém, o descontentamento difundia-se, sobretudo entre aqueles que tinham tido um papel político de relevo no período napoleónico ou que tinham tirado vantagens económicas da abertura das fronteiras e do desenvolvimento de relações comerciais na área do Pó e que agora eram novamente penalizados. Para exprimir este incómodo nasceram várias associações, mais ou menos secretas.



A vaga de insurreições que, da França, se alastrou para muitas partes da Europa em 1831 teve o seu fulcro em Modena, com Ciro Menotti: daqui o movimento ecoou em Parma e nas Legações. A intervenção das tropas austríacas restabeleceu uma vez mais a ordem, ainda que em Modena e nas Legações tenha havido fortes reacções. Também a revolução de 1848 investiu a Emília: os Ducados insurgiram-se e, graças ao envolvimento popular, obrigaram os príncipes à fuga e proclamaram a anexação ao Reino da Sardenha. Enquanto em Roma era proclamada a República, o Estado Pontifício concedeu a constituição a Bolonha, a Ferrara e à Romanha, negando no entanto a participação na guerra contra os austríacos que, assim, retomaram o controlo. A queda da República Romana e a retirada de Garibaldi através dos Vales de Comacchio puseram um fim a estes acontecimentos épicos.





AO LONGO DO SÉCULO XVII
ASSISTE-SE À REESTRUTURAÇÃO DOS
EDIFÍCIOS E AO EMBELEZAMENTO DAS NOVAS
CAPITAIS DUCAIS: EM 1617, EM PARMA, RANUCCIO
I FARNESE CONFIA A GIOVAN BATTISTA ALEOTTI
A CONSTRUÇÃO DO TEATRO LÍGNEO NO PALAZZO
DELLA PILOTTA, PALCO IDEAL DAS FANTASIOSAS
CENOGRAFIAS BARROCAS.

NOVE PASSOS NA HISTÓRIA

A Emília-Romanha dá-se a conhecer



Em Maio de 1859, quando as tropas aliadas de Napoleão III e do rei da Sardenha Vítor Emanuel II passaram o Ticino, a insurreição anti-austríaca repetiu-se, com o envolvimento da nova classe burguesa. Os plebiscitos de Março de 1860 sancionaram a anexação das novas oito províncias ao Reino sardo. As primeiras eleições gerais daquele que se tornaria o Reino de Itália tiveram lugar em Janeiro de 1860: os mais ilustres patriotas e muitas personalidades da região fizeram parte do novo parlamento. Entre eles, o bolonhês Marco Minghetti apoiou a função da descentralização como contrapeso necessário à unidade das províncias e elaborou um modelo de regionalização que enfrentou fortes resistências por parte da nova classe dirigente.

No meio século que decorreu entre a anexação e a deflagração da Primeira Guerra Mundial, a secular divisão do País entre legislações distintas, as situações económicas contrastantes e as ressurgentes rivalidades municipalistas tornaram muito difícil a assimilação das províncias Emiliano-Romanholas à Itália unida. Apesar disso, o período entre 1870 e 1914 caracterizou-se por um grande desenvolvimento económico, com o progresso da agricultura, o início de grandes obras de beneficiação, a formação de indústrias modernas e a activação do comércio. A Emília e a Romanha foram palco de um forte impulso ao associativismo, com os Mazziniani e os socialistas guiados por Andrea Costa. Formaram-se as primeiras cooperativas agrícolas para arrendamentos

colectivos e as primeiras cooperativas de trabalhadores agrícolas. As lutas sociais e a questão rural foram durante um longo período protagonistas da crónica política interna: em 1897 ocorreram as greves das mondadeiras no território Ferrarese e das ceifeiras em Molinella; em 1901, em Bolonha, teve lugar o primeiro congresso da Federação dos trabalhadores da terra; greves agrárias particularmente azedas ocorreram em 1907 e em 1908 nas províncias de Ferrara, Bolonha e Parma.

No fim da Grande Guerra, na Emília-Romanha os problemas dos trabalhadores da terra voltaram a surgir mais graves que nunca. O nível de vida nos campos, melhorado com anos de duras lutas, levou a um aumento considerável da população rural e a um excesso de mão-de-obra, também devido à reduzida expansão industrial da região. Em toda a Itália, as lutas das organizações socialistas recuperaram força nas cidades e nos campos, também na onda da revolução russa: greves e agitações envolveram milhões de operários, camponeses e desempregados, com a Emília na vanguarda. E foi precisamente aqui que a reacção dos proprietários agrários foi mais violenta: em Bolonha o ataque ao Palazzo d'Accursio de 21 de Novembro de 1920 deu início a um crescendo de violências, agressões e destruições por parte dos esquadrões fascistas subvencionados pelos mesmos. Milhares de trabalhadores Emilianos tiveram de emigrar, para fugir às perseguições, animando, em muitos casos também do estrangeiro, a luta contra a ditadura de Mussolini. Entre 1936 e 1939,



DA UNIÃO DE BOLONHA,
FERRARA, MODENA E REGGIO
NASCEU A REPÚBLICA CISPADANA, QUE NO
CONGRESSO DE REGGIO DE 7 DE JANEIRO DE
1797 PROCLAMOU COMO PRÓPRIO SÍMBOLO
O TRICOLOR VERDE, BRANCO E VERMELHO:
A FUTURA BANDEIRA ITALIANA.





NOVE PASSOS NA HISTÓRIA

A Emília-Romanha dá-se a conhecer

numerosos voluntários dos municípios da Emília acorreram para Espanha e combateram contra o franquismo.

Porém, novas vicissitudes bélicas, de uma aspereza nunca mais vista desde a longínqua Idade Média, fustigaram a região nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial.

A partir do fim de Julho de 1943, as diversas almas do anti-fascismo Emiliano-Romanholo empenharam-se cada vez intensamente nas acções de perturbação e de resistência contra o exército ocupante nazi. Nessas circunstâncias souberam colaborar forças sociais e políticas distintas e o envolvimento de uma parte tão elevada da população, quer nos campos, quer nas cidades, deu à Resistência um carácter popular inigualável no contexto italiano. Remontam ao Outono de '43 as primeiras acções de guerrilha partigiana, que se multiplicaram durante os dois anos seguintes ao longo de toda a dorsal apenina cortada pela Linha Gótica, edificada pelos alemães ao longo de mais de 300 quilómetros de Rimini a La Spezia. A repressão alemã atingiu ferozmente os resistentes, a população civil e o clero local pelo apoio que davam à Resistência: 3.500 foram os civis fuzilados ou massacrados na região, 6.000 os resistentes mortos pela pátria. Uma ferida cujos sinais toda a região ainda ostenta e que, em muitos locais, ainda não cicatrizou, como no caso dos massacres de mulheres, idosos e crianças levados a cabo pelas SS no Vale do Reno.

Os aliados entraram em Rimini em Setembro de '44 e, em Novembro, em Ravena. Após a longa suspensão invernal da



NOVE PASSOS NA HISTÓRIA

A Emília-Romanha dá-se a conhecer

progressão, em Abril os aliados começaram a ofensiva final, iniciando a destruição daquilo que restava da Linha Gótica, em direcção a Bolonha. A insurreição nas cidades obrigou à fuga dos fascistas, abandonados pelos alemães.

Entre 14 e 28 de Abril de 1945 foram libertadas Imola, Bolonha, Modena, Ferrara, Reggio Emilia, Parma e Piacenza: em duas semanas a frente nazi/fascista sucumbiu do Senio ao Pó. Tinha, assim, início uma nova fase da história da Emília-Romanha: a da consolidação, da defesa e do desenvolvimento da democracia.

Muitas outras lutas se seguiram, num contraste profundo entre renovação e conservação, mantendo, durante muito tempo, vivas as ideias da Resistência.

Em 1970, para pôr em prática o ordenamento previsto pela Constituição, que após a Segunda Guerra Mundial assinalou o fim da monarquia e o nascimento da República italiana, foi instituída a Regione da Emília-Romanha. Dos anos Setenta ao fim do século XX a Regione geriu e desenvolveu uma estrutura territorial já caracterizada, desde o pós-guerra, pelo policentrismo: cidades fortes, capazes de conjugar e fazer interagir o crescimento económico, o desenvolvimento social e a eficiência administrativa. Um modelo organizativo que permitiu às comunidades locais exprimir, ao longo do tempo, exemplos de originalidade cultural e cívica. Os territórios da Emília-Romanha não têm todos as mesmas características económicas e sociais, mas esta é a região italiana em que é menor a distância entre a província mais débil e a mais



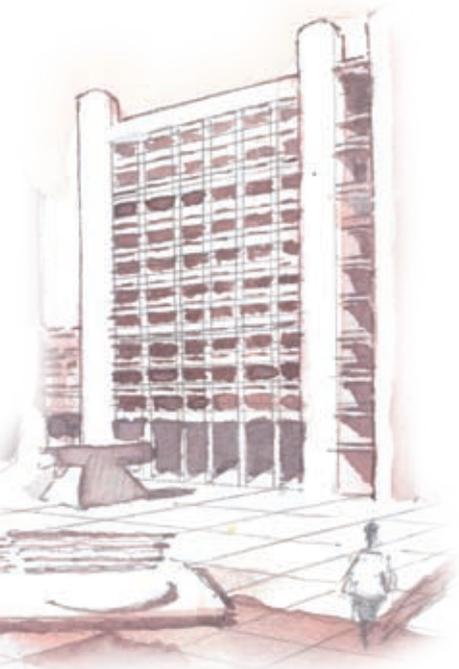


ENTRE 14 E 28 DE ABRIL DE 1945 FORAM LIBERTADAS IMOLA, BOLONHA, MODENA, FERRARA, REGGIO EMILIA, PARMA E PIACENZA: EM DUAS SEMANAS A FRENTE NAZI/FASCISTA SUCUMBILU DO SENIO AO PÓ. TINHA, ASSIM, INÍCIO UMA NOVA FASE DA HISTÓRIA DA EMÍLIA-ROMANHA: A DA CONSOLIDAÇÃO, DA DEFESA E DO DESENVOLVIMENTO DA DEMOCRACIA...



NOVE PASSOS NA HISTÓRIA

A Emília-Romanha dá-se a conhecer



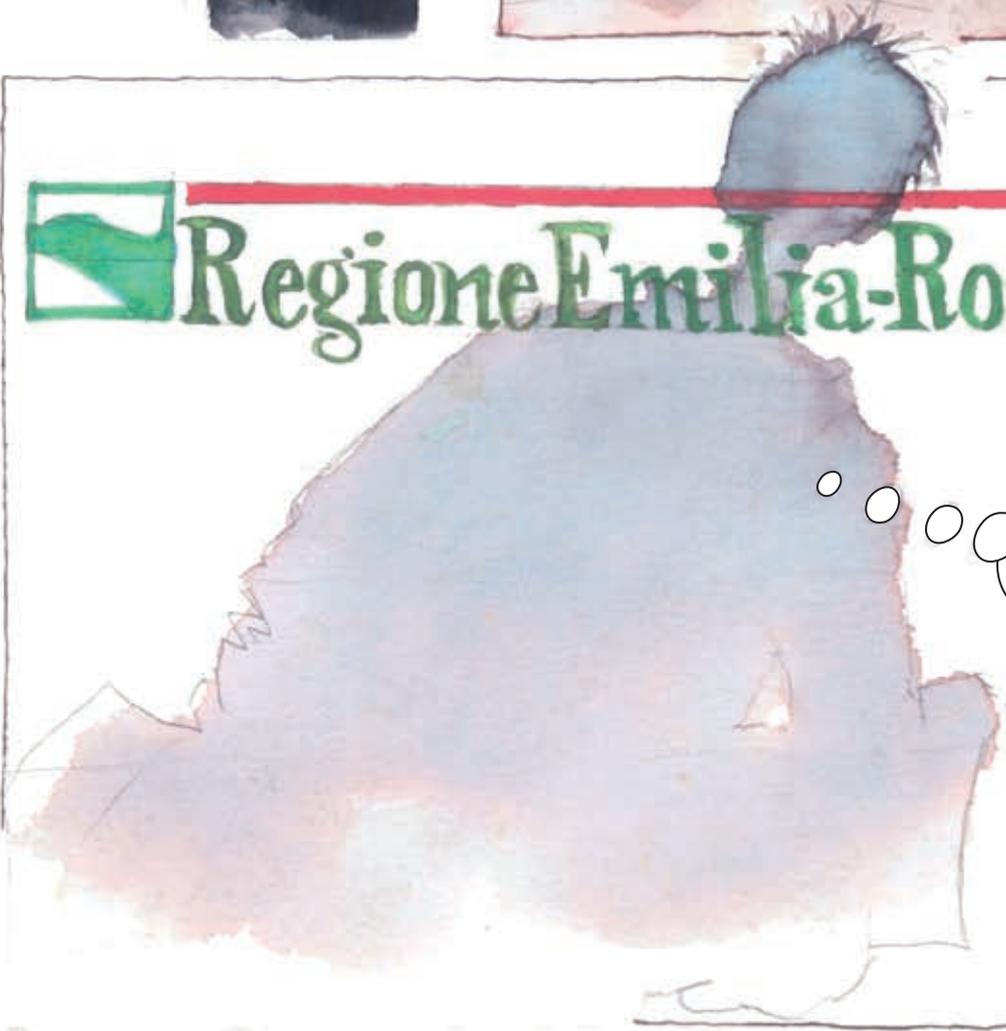
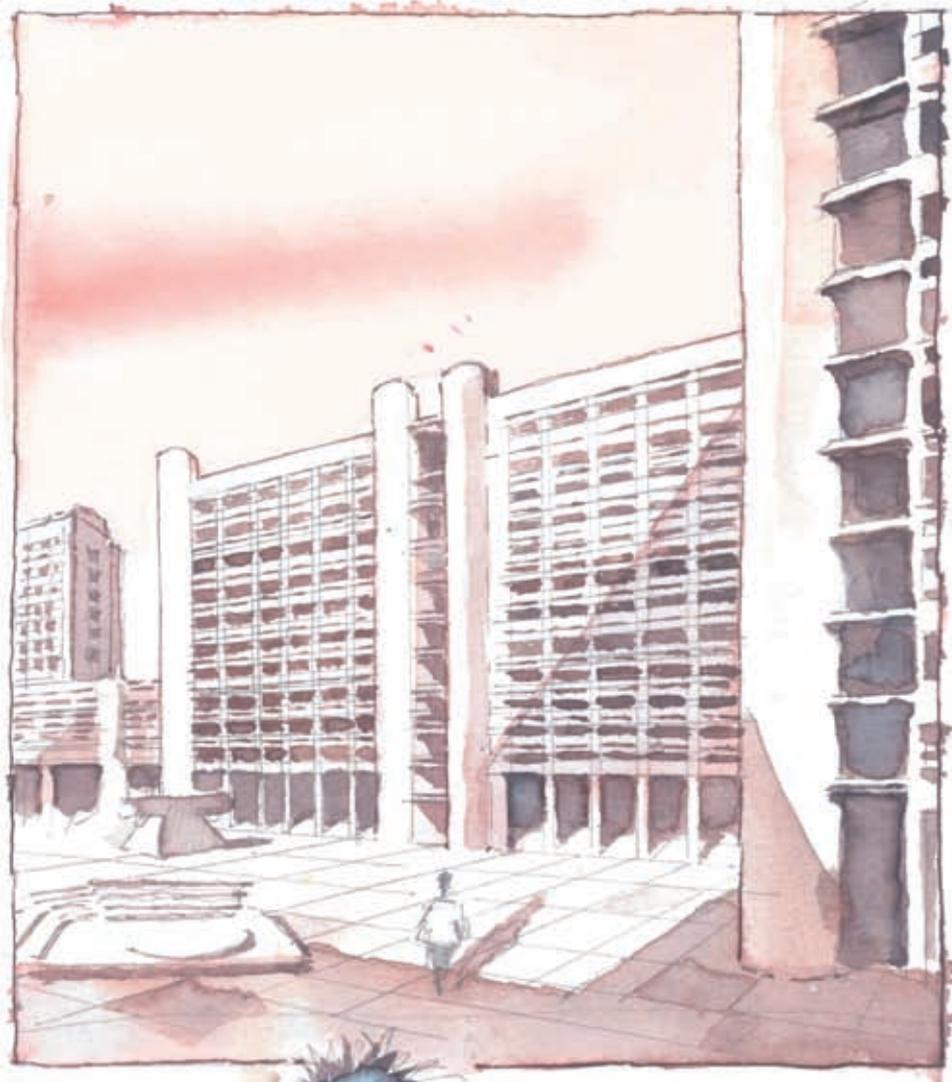
forte, e cada distrito, segundo as próprias peculiaridades, foi protagonista de processos de crescimento. O eixo da via Emília consolidou-se de Bolonha a Rimini; a faixa costeira desenvolveu-se tanto a sul, na parte com maior densidade habitacional, como a norte, na parte com maior valor paisagístico. Reforçou-se o eixo da zona de sopé de montanha de Parma a Bolonha e novas correntes produtivas atravessam a baixa planície: o triângulo Imola-Faenza-Lugo, a zona de Mirandola, a directriz Bolonha-Ferrara, o interior de Rimini. As áreas apeninas, que representam quase metade do território regional, viram reconhecido o valor das diferentes especificidades locais, tendo cada uma delas encontrado o seu próprio percurso de desenvolvimento.

Actualmente a Emília-Romanha é uma grande região europeia, um nó estratégico entre as zonas fortes da Europa centro/setentrional, a bacia do Mediterrâneo e a zona adriático/danubiana. Se o sector da agricultura paga ainda os efeitos de uma crise estrutural, o sector das produções industriais especializadas é muito amplo e competitivo, em particular na mecânica. O sector terciário mais dinâmico, o dos serviços às empresas, tem uma presença difusa no território e, em relação à população, coloca muitas províncias entre as primeiras a nível nacional (Bolonha, Parma, Modena e Reggio). O turismo continua a representar um segmento importante da economia regional. O valor dos investimentos e o número de afectos à investigação científica e tecnológica contam-se entre os

mais elevados de Itália e o sistema dos ateneus regionais surge claramente em primeiro lugar no que diz respeito ao chamamento de alunos do estrangeiro. Os serviços sociais, a saúde, o património e a actividade cultural, as empresas de prestação de serviços, no seu conjunto, representam ainda hoje experiências de vanguarda.

O brasão adoptado pela Regione Emília-Romanha representa de forma estilizada os dois tractos essenciais da longa história deste território: a linha ondulada do rio Pó e a oblíqua da Via Emília. O elemento natural da água que conduz ao mar, e o humano da estrada que liga os homens, com o seu trabalho, as suas paixões e as suas histórias.





 Regione Emilia-Romagna

QUE GRANDE
HISTÓRIA
PARA CONTAR!

Realização tipográfica a cargo do
Centro de Impressão da Região da Emília-Romanha

Acabado de imprimir em

Dezembro de 2009



 Regione Emilia-Romagna



 Regione Emilia-Romagna

ibc istituto per i beni artistici
culturali e naturali